

Medium
Date
Event
Web address

Web
04.2025
Adriana Varejão
<https://www.publico.pt/2025/04/15/culturaipsilon/noticia/historias-paula-rego-adriana-varejao-camadas-silencios-subtilezas-pele-carne-2129868>

Publication
Author

Publico Pt
Lucia Canelas

EXCLUSIVO EXPOSIÇÃO

As histórias de Paula Rego e Adriana Varejão têm muitas camadas, silêncios e subtilezas, pele e carne

Exposição no CAM põe em diálogo as obras da portuguesa e da brasileira. Todos são convidados a assistir a esta conversa sobre violência pública e íntima. As mulheres estão sempre lá.

Lucinda Canelas

15 de Abril de 2025, 21:42



Adriana Varejão entre a sua *Língua com padrão de flor* (1998) e uma pintura da série *Possessão* (2004), de Paula Rego MIGUEL A. LOPES/LUSA

Medium	Web	Publication	Publico Pt
Date	04.2025	Author	Lucia Canelas
Event	Adriana Varejão		
Web address	https://www.publico.pt/2025/04/15/culturaipilon/noticia/historias-paula-rego-adriana-varejao-camadas-silencios-subtilezas-pele-carne-2129868		

É um espaço pequeno (como quase todos os outros) e discreto (muito mais do que todos os outros). Nele não há pintura nem escultura mais ou menos exuberante, mas para quem tiver tempo para olhar, uma e outra vez, para as obras expostas, é bem provável que de lá saia com a sensação de que assistiu a uma conversa entre duas artistas que, com as mesmas ferramentas e formas muito diferentes de as usar, falam de mulheres, das suas fragilidades e forças, da determinação que as move, mesmo quando não se dão a ver.

Nas gravuras e litografias quase exclusivamente a preto e branco de “Rituais de limpeza”, um dos 13 núcleos da exposição que reúne no Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, 80 obras de Paula Rego e Adriana Varejão, a primeira apresenta uma série de mulheres a consumir abortos clandestinamente, ao passo que a segunda nos leva a espaços vazios, aparentemente assépticos, onde a presença humana se adivinha no que ficou para trás: fluidos corporais, cabelos e outros restos.

O que aproxima a série Sem título (1999) — que aqui vemos na sua versão democratizada do múltiplo, feita com a mesma indignação com que Rego assistiu, em 1998, ao resultado do primeiro referendo em Portugal sobre a legalização da interrupção voluntária da gravidez — de Dona branca (2009) e de O convidado (2009), de Varejão, é a violência. E neste caso, como em tantos outros na obra destas duas artistas, a que se comete contra a mulher.

No caso de Adriana Varejão (Rio de Janeiro, 1964), vemos o sangue sem ver um corpo; no de Paula Rego (Lisboa, 1935 - Londres, 2022), temos o corpo, mas não o sangue. “A mãe nunca quis mostrar o sangue nesta série — na pintura que faz com o mesmo tema também não há, nunca”, diz Nick Willing, o filho da pintora portuguesa, em visita à exposição. “Ela dizia sempre que a sugestão de uma coisa tinha muitas vezes mais poder do que a própria coisa.”

Paula Rego e Adriana Varejão: Entre os vossos dentes (até 22 de Setembro), exposição que conta com curadoria de Helena de Freitas (CAM), Victor Gorgulho, jornalista e investigador brasileiro, e da própria Varejão (a convite do director do CAM, Benjamin Weil), é feita deste e de outros momentos de intersecção no trabalho de duas artistas com percursos autónomos, mas sensíveis a temas comuns: o desafio ao poder patriarcal e às hierarquias sociais, a crítica aos regimes autocráticos, o questionamento das versões históricas do colonialismo, a partir de um ponto de vista que é feminino e que dá a ver o feminino (mas não só).

Medium	Web	Publication	Publico Pt
Date	04.2025	Author	Lucia Canelas
Event	Adriana Varejão		
Web address	https://www.publico.pt/2025/04/15/culturaipilon/noticia/historias-paula-rego-adriana-varejao-camadas-silencios-subtilezas-pele-carne-2129868		

“Todos escolhemos obras de modo a mostrar momentos em que os caminhos das duas se entrelaçam, nem sempre por convergência”, explica Helena de Freitas, lembrando que as duas artistas trabalham por camadas, mas com resultados muito diferentes.

“A Paula é muito mais subtil, mais incorpórea; a Adriana é mais visceral, mais matéria, mas as duas conversam muito bem uma com a outra porque têm muitas coisas em comum”, diz esta curadora, profunda conhecedora da obra de Paula Rego, junto a duas das obras mais importantes de Entre os vossos dentes O Anjo (1998), uma das pinturas mais celebradas da artista portuguesa, adquirida pela Gulbenkian, juntamente com Banho Turco (1960), e Parede com incisões à la Fontana (tríptico) , de 2002, em que a brasileira se apropria da obra italiano Lucio Fontana.

“No Anjo , esta mulher que a Paula inventou levanta a espada, mas deixa o gesto de ferir suspenso. Neste tríptico em que a Adriana faz uma provocação ao vazio narrativo do Fontana, ela raspa, morde, estripa, vai à carne, aliás como noutras [peças] da exposição. A expressão física das obras das duas é muito diferente, assim como o processo de trabalho. A Paula é mais críptica, mais simbólica; a Adriana mais directa, mais visceral, mas ambas cortam com determinação e profundamente.”

Violência

Com a grande nave do CAM reconfigurada pela cenógrafa e dramaturga brasileira Daniela Thomas de forma a criar espaços interiores à escala doméstica, habitados pelas obras das duas artistas em permanente diálogo, a nova exposição leva mais longe um encontro que Rego e Varejão tinham já ensaiado em 2017, no Rio de Janeiro, e que mostrava já a capacidade que ambas têm para subverter as narrativas oficiais, para contar como bem entendem histórias de violência, partilhadas ou íntimas, sejam elas relativas a um povo indígena massacrado por um colonizador europeu ou a uma mulher obrigada a abortar na clandestinidade.

É impossível ficar indiferente a Paula Rego

“Na obra da Paula há uma fúria, um inconformismo, o tratamento de uma série de questões que normalmente não se associam ao universo feminino que me atraem muito — há a inquietação, a violência, a luta. É impossível ficar indiferente ao que ela faz, ao que ela é”, garante Adriana Varejão, de 61 anos.

Sendo artistas de gerações diferentes — Rego tinha já 30 anos quando Varejão nasceu —, têm três décadas de actividade em simultâneo, em que chegam a trabalhar os mesmos temas ao mesmo tempo, como se pode ver no núcleo “Fui terra, fui ventre, fui vela rasgada”, que abre a exposição. É nele que se mostra uma das obras mais reconhecíveis da artista brasileira, Mapa de Lopo Homem (1992), e uma das menos vistas da portuguesa, A Primeira Missa no Brasil (1993), hoje numa colecção privada.

No Mapa Varejão abre uma ferida, que depois é suturada, sobre um planisfério, apontando directamente ao projecto colonial português (Lopo Homem foi um cartógrafo ao serviço de D. Manuel I), uma leitura reforçada pela obra na parede em frente, também da sua autoria, que mostra uma mulher negra a ser violada por um homem branco, estando outros presentes na sala, assim como mais três escravizados, entre eles uma indígena acorrentada (Filho Bastardo II , 1997), personagens que originalmente fazem parte de gravuras do século XIX, do francês Jean-Baptiste Debret.

Na Missa , uma mulher grávida de olhar melancólico ou até mesmo ausente, rodeada de elementos de forte carga simbólica (jarros, peixes, uma outra figura feminina com o vestido ensanguentado), assume o primeiro plano de uma cena que tem em

Medium	Web	Publication	Publico Pt
Date	04.2025	Author	Lucia Canelas
Event	Adriana Varejão		
Web address	https://www.publico.pt/2025/04/15/culturaipilon/noticia/historias-paula-rego-adriana-varejao-camadas-silencios-subtilezas-pele-carne-2129868		

fundo (num quadro? numa janela?) uma alusão à pintura de 1860 em que o brasileiro Victor Meirelles representa a primeira missa católica dos portugueses a que assistem os povos indígenas no território que viria a ser o Brasil.

“As três obras tratam de violações no contexto colonial — de mulheres , mas também de países”, sublinha Helena de Freitas. “Falam da violência da conquista e das feridas que deixou, também nos corpos. A Adriana aponta a temas mais gerais, da grande história, e a Paula faz o mesmo, mas a partir de uma experiência mais íntima. Os dois trabalhos são profundamente políticos.”

A violência do projecto colonial está também muito presente no núcleo “Memórias de açúcar e sal”, assim como no “Comemos, dançamos, matamos e misturamos”, onde se podem ver duas obras de Rego muito separadas no tempo — Quando tínhamos uma casa de campo dávamos festas maravilhosas e depois íamos para o mato matar os pretos (1961), pondo o foco na brutalidade do racismo em contexto colonial, e Carga humana (2007-2008), denunciando o tráfico e exploração de seres humanos — e a série Polvo , de Varejão (Polvo Color Wheels , de 2015, e Tintas Polvo , de 2017), que trata os temas da raça e da identidade a partir da cor da pele.

Na sua obra, explica a artista brasileira, a questão da hegemonia cultural da Europa, assim como a do racismo e a da violência do colonialismo, formulam-se “a partir das teorias do feminismo”, mas não se deixam confinar por elas. Rego também sempre se assumiu feminista, sem, no entanto, deixar que a sua obra fosse reduzida a esse “rótulo”.

“O discurso feminista está muito na obra da Paula porque é uma coisa de geração. Na minha, começam a discutir-se também outras questões, outros problemas”, diz Varejão, lembrando que “há muitos feminismos” e que o que a sua obra aborda “vai desembocar nas narrativas decoloniais”.

Debaixo da pele

Entre os vossos dentes não quer propor aos visitantes um jogo da comparação, quer antes convidá-lo a assistir a um diálogo, obra a obra, entre duas mulheres artistas nascidas em ditadura, “uma de um país europeu colonizador”, precisa Varejão, “e outra de um país do Sul, colonizado”, que é hoje uma potência cultural.

As 13 “caixas” que Daniela Thomas instalou no CAM propõem percursos que não estão marcados em mapa algum, a cumprir intuitivamente, sem restrições. A cenógrafa, que começou por se assustar com a nave — “muito falante, industrial, masculina, como a arquibancada de um estádio de futebol” — criou-as para “proteger as pessoas do grande espaço”, diz.

“Estas caixas são como úteros, alcovas, para guardar esse diálogo subtil entre a Paula Rego e a Adriana Varejão. As obras já são muito perturbadoras... Temos de nos sentir seguros no espaço e também próximos. As fendas, os rasgões que abri, são janelas, possibilidades de fuga”, explica Thomas, que não quis criar um labirinto, mas um lugar onde o visitante se pudesse “perder” e “duvidar”.

A dúvida, sobretudo no que toca a quem vê, é um dos elementos essenciais no trabalho de Varejão, que já antes expôs em Portugal (em 1998 e 2005). Tal como Rego, questiona permanentemente o lugar do espectador perante a obra e habituou-se a inquietá-lo, a criar-lhe um certo desconforto, mesmo quando o que tem à frente, como no caso dos pratos Ama divers (2011) ou Pérola imperfeita (2009), no núcleo que fecha a exposição, tem à partida um lado lúdico, sedutor na forma, mas que depois se vai adensando até desferir um golpe.

Medium	Web	Publication	Publico Pt
Date	04.2025	Author	Lucia Canelas
Event	Adriana Varejão		
Web address	https://www.publico.pt/2025/04/15/culturaipilon/noticia/historias-paula-rego-adriana-varejao-camadas-silencios-subtilezas-pele-carne-2129868		

“Eu nunca estou numa zona de conforto e de contemplação passiva. Paula também não. E nenhuma de nós deixa que o espectador esteja. A gente parte do princípio de incomodar um pouco, de ser contundente, e isso é o que mais une as nossas obras”, diz a artista brasileira.

As obras de ambas, sublinha Helena de Freitas, evocando as gravuras das séries Aborto (Rego) e O convidado (Varejão), “têm um efeito físico em quem olha para elas”, “criam uma tensão”, trabalhando a primeira o espaço privado (um quarto) e a segunda o público (uma sauna). “Nas duas se vê o que está debaixo da pele.”

É no diálogo, no cruzamento, que as obras de Rego e Varejão “ganham porosidade”. “O que vemos delas passa a ser mais e diferente. Ambas nos habituaram a desviar o olhar do conhecido, do expectável, sejam quais forem as histórias com que trabalham.”

Da casa e do mundo

O peso autobiográfico da obra de Paula Rego — quando não são suas as histórias, são as que ouviu contar ou as dos filmes que viu e dos livros que leu — não diminui o impacto universal que pode ter (e tem), mas atribui-lhe pontos de partida distintos dos da de Adriana Varejão.

A Paula é mais críptica e simbólica; a Adriana é mais directa e visceral, mas ambas cortam com determinação e profundamente

Helena de Freitas

“A minha obra é bem menos autobiográfica”, diz. “Paula trabalha com corpos que conhece bem, de pessoas próximas, no espaço doméstico e no espaço das histórias que são suas. Eu estou falando de um corpo que não é meu, que é um corpo universal, social”, acrescenta. “Mesmo numa obra como [Quando tínhamos uma] casa de campo (...) , Paula parte de um ambiente doméstico — é aí que a violência subliminar acontece. Eu parto do espaço que é já exterior, da história.”

Varejão começou a prestar atenção ao trabalho de Rego nos anos 90, quando a pintura figurativa não estava no topo das prioridades de galeristas, curadores e museus, mas foi só com a retrospectiva da artista portuguesa na Pinacoteca de São Paulo, em 2011, que ela ficou na sua cabeça.

Mais tarde, na preparação da exposição do Rio de Janeiro, passou uma tarde com ela no seu estúdio londrino, quando a portuguesa estava a pintar O céu é azul, o mar é azul e o menino é azul , obra incluída em Entre os vossos dentes , exposição que pediu emprestado para título um verso de Hilda Hilst , poeta e ficcionista brasileira da geração de Rego.

“Aquele estúdio era incrível, muito teatral. A gente entrava no mundo das narrativas dela, cheio de ironia. É que, vendo os seus quadros, se percebe que é tal e qual como quando ela contava uma história — quando você acha que está indo para um lugar, ela cria uma armadilha e vai para outro”, diz, mostrando em seguida como. “No ‘menino azul’, por exemplo, ela estava contando como o menino passou por várias aventuras enquanto procurava o pai e eu pensei ‘nossa, que lindo, tudo azul’, e, de repente, ela diz: ‘Você sabe porque é que ele é azul? Porque está morto.’ E a história que eu estava construindo na minha cabeça caiu. Esse é o truque da obra dela.”

Medium	Web	Publication	Publico Pt
Date	04.2025	Author	Lucia Canelas
Event	Adriana Varejão		
Web address	https://www.publico.pt/2025/04/15/culturaipilon/noticia/historias-paula-rego-adriana-varejao-camadas-silencios-subtilezas-pele-carne-2129868		

Varejão recorre a outros “truques”, alterando o “conteúdo” de “formas” a que os portugueses estão habituados, multiplicando histórias, tal como Rego. “A minha obra também tem uma preocupação com essas múltiplas narrativas, porque toda ela é inspirada no barroco, que é uma arte da profusão, do excesso, da polifonia.”

Essa presença de um ascendente barroco no trabalho da artista brasileira faz-se sentir por toda a exposição, mas é talvez na sala “Reconfigurando o sagrado” que ela se torna mais evidente. Varejão apropria-se directamente da azulejaria do século XVIII em Figura de Convite III (2005) — uma mulher nua com o corpo coberto de tatuagens que evocam as dos índios brasileiros, segurando uma cabeça decepada que é um auto-retrato da artista brasileira, sobre um fundo de azulejos com vestígios de corpos esquartejados — e em Proposta para uma catequese: morte e esquartejamento (1993), em que são os indígenas, supostamente os alvos de “evangelização”, que se preparam para atacar um Cristo nu.

Ao lado, os estudos de Paula Rego para O Jardim de Crivelli (1990-91) também estão carregados de azulejos azuis e brancos e de mulheres, santas ou não, protagonistas de inúmeras histórias, religiosas ou não, que nos são dadas a ver em simultâneo, como acontece no grande prato da artista brasileira — Proposta para uma catequese (prato) , de 2014 — em que Jesus volta a aparecer sem roupa, rodeado de índios que não podem estar menos interessados no que a Bíblia tem para lhes dizer.

No painel que simula azulejo e no prato que lembra a porcelana chinesa de exportação que ligamos de imediato à presença portuguesa na Ásia, Varejão mostra os tupinambás catequizando os europeus. “Estas histórias foram inspiradas em livros, em gravuras. Falam de antropofagia, que está muito presente no meu trabalho como apropriação do outro. Aqui, os tupinambás se apropriam da narrativa que foi imposta pelo colonizador e a subvertem. Comem o corpo de Cristo. É um gesto político importante que se revela por camadas.”

Comer, cortar, raspar, mastigar, esconder, mostrar, lutar, contrariar, contar, conquistar, violentar ou rasgar são verbos que Entre os vossos dentes evoca a cada sala em que as obras de Paula Rego e Adriana Varejão falam por elas, enquanto quem ali entra assiste à conversa.